

Editorial

É com muita alegria que abrimos o número 2, do volume 16 da Revista ouvirOUver com o dossiê *Perspectivas do Drama no Brasil*, organizado pelo professor e pesquisador Wellington Menegaz. Este dossiê é comemorativo dos 25 anos da chegada desse método de Ensino ao Brasil. Ao mesmo tempo em que se homenageia o pioneirismo de Beatriz Cabral, que traz e adapta para o Brasil esse método desenvolvido em escolas da Inglaterra, traça-se um panorama de como diferentes pesquisadores das Artes Cênicas tem desenvolvido o Drama com estudantes da Educação Infantil ao Ensino Superior por quase todo o território brasileiro. São onze artigos que compõem um mosaico fundamental e que nos inspira a refletir sobre a importância do Ensino de Arte e suas diferentes abordagens temáticas e metodológicas. Com esse dossiê também se evidencia a relevância das pesquisas desenvolvidas em nível de graduação, mestrado e doutorado para o desenvolvimento e transformação do Drama nos distintos contextos nos quais ele se insere.

Entre os artigos submetidos e aprovados para esta edição, temos um total de oito e uma resenha. Nesses textos se observa desde a abordagem, análise e discussão de obras artísticas contemporâneas operando conceitos e teorias do campo filosófico como *sublime* e *rizoma* como discussões sobre criações e ações artístico-pedagógicas realizadas em diferentes cidades brasileiras. São trabalhos que apresentam perspectivas interfacetadas entre artes visuais, cinema, literatura, dança, teatro, música e comunicação, transitando entre cenas, cantos, instalações e performances, entre escultura, cenografia, natureza e paisagem.

No artigo *Entre o céu e a terra: transitando pelos raios do sublime através da obra The Lightning Field de Walter De Maria*, Vanessa Seves Deister de Sousa analisa a obra de De Maria segundo um recorte que encontra na recorrência da metáfora (ou “presentificação”) de um “raio” em parte da teoria do sublime. A fim de promover uma reflexão a respeito desta obra são colocados em diálogo os “raios” de autores como Longuino, Kant, Freud e Lyotard.

As composições sonoro-visuais de O Grivo são analisadas por Gabriela Clemente de Oliveira e Alexandre Rodrigues da Costa. Segundo os autores as esculturas sonoras criadas a partir de fragmentos, destacam-se pelas formas e pela presença que assumem no espaço, inventando uma territorialidade expansiva que transita entre a gambiarra e a harmonia. Defendem que esses trabalhos têm forte referência com a própria ideia e imagem do *rizoma* (Deleuze e Guattari) explorando o âmbito visual na obra Sonar, segundo esta perspectiva.

Bárbara Mol elege para sua análise a obra *Fiotim - O Museu em Movimento*, do artista Jorge Fonseca, uma proposta artística que faz convergir arte contemporânea e arte popular; o social e o cultural; o icônico e o onírico. Segundo o estudo da autora o artista-criador é ao mesmo tempo o personagem de sua obra: um artista-viajante, cuja pluralidade remonta a fundação dos artistas em sua vocação de fazer fluir imaginários - infantil, circense, novelístico, tropicalista, mineiro, contemporâneo, etc. - para a correnteza das subjetivações, em constante desvio para o mar.

Trazemos dois artigos que destacam a composição visual em espetáculos

de encenadores contemporâneos. Carolina Montebelo Barcelos, em

O arranjo arquitetônico de Robert Wilson: a dramaturgia visual em "Shakespeare Sonnets" e "A dama do mar", analisa duas montagens do encenador norte-americano, para destacar a importância do "arranjo arquitetônico" em relação ao texto em suas obras, tomando como base para sua análise os conceitos de teatro pós-dramático, de Lehmann e de performatividade, de Fischer-Lichte e Féral. Em *A cenografia de Lina Bo Bardi: imagens da encenação de "Na selva das cidades"*, Mariana de Oliveira Arantes, por sua vez, analisa a cenografia de Lina Bo Bardi, criada para o espetáculo "Na selva das cidades", montado pelo Teatro Oficina em 1969 sob direção do icônico diretor brasileiro José Celso Martinez Corrêa. A partir do estudo de fotografias do espetáculo, a autora discute como o trabalho cenográfico de Bo Bardi contribuiu para evidenciar a concepção de forte cunho político presente na peça teatral de Bertold Brecht.

A partir da pesquisa de campo com um grupo de teatro do interior de Minas Gerais, Ricardo Carvalho de Figueiredo e Júlia de Castro Oliveira, em *Teatro amador e (re)existência: o Grupo de Teatro São Gonçalo do Baçõ*, discutem a relevância de um grupo de teatro para a sua comunidade. Os autores destacam o fundamental papel dos grupos amadores como agentes culturais e de resistirem à uma política cultural que não fomenta as manifestações artísticas, seja em âmbito local como nacional.

Entre armários e gavetas, eu danço!, artigo de Gustavo de Oliveira Duarte e Oneide Alessandro Silva dos Santos, apresenta o trabalho do Grupo de Estudos em Educação, Dança e Cultura (GEEDAC) do Curso de Dança-Licenciatura, da Universidade Federal de Santa Maria/RS. A partir da análise da criação de "Frescura de Guri", os autores nos mostram um processo construído por meio de um inventário corporal, no qual se revela as opressões da (hetero)normatividade e do machismo, mas que também possibilita a construção de outras performances de uma masculinidade dançante.

O artigo de Tiago Elias Mundim, *A utilização da tecnologia no desenvolvimento das habilidades artísticas inerentes ao ator-cantor-bailarino no Teatro Musical em tempos de isolamento social*, apresenta um exemplo importante do uso da tecnologia para mediar e aproximar artistas que necessitam constante aprimoramento técnico. O autor, ao observar como alguns artistas dessa área tem feito uso desses aparatos tecnológicos para resolver o problema da distância física e se encontrarem com diferentes especialistas, destaca a importância desses encontros e aulas virtuais para o desenvolvimento de suas habilidades de interpretação, canto e dança voltadas para a vertente do teatro musical nacional.

Neste número, apresentamos ainda, a resenha de Jaqueline Luvisotto Marinho do livro *O inconsciente estético*, de Jacques Rancière. O livro foi publicado em francês no ano de 2001 (*L'inconscient esthétique*) e em português em 2009, com tradução de Mônica Costa Netto, pela Editora 34. Questões como artes, estética, teoria psicanalítica, inconsciente, pensamento são abordados na obra resenhada.

Boa leitura!

Fernanda de Assis Oliveira (editora responsável)
Beatriz Rauscher
Mara Leal